

JAMAICA KINCAID

A autobiografia da minha mãe

TRADUÇÃO
Débora Landsberg

ALFAGUARA


Minha mãe morreu no momento em que eu nasci, e por isso durante toda a minha vida nunca existiu nada entre mim e a eternidade; às minhas costas, sempre um vento triste, sombrio. No começo da vida eu não tinha como saber que seria assim; soube apenas no meio dela, quando já não era jovem e percebi que tinha menos de algumas coisas que costumava ter em abundância, e mais de outras que antes mal tivera. E essa percepção de perda e ganho me fez olhar para trás e para a frente: no início havia uma mulher cujo rosto eu nunca vira, mas no final não havia nada, ninguém entre mim e o quarto escuro do mundo. Passei a sentir que por toda a vida estive parada à beira do precipício, que minha perda havia me tornado vulnerável, dura e indefesa; ao me dar conta disso fui dominada por tristeza e vergonha e pena de mim mesma.

Quando minha mãe morreu, me deixando uma criancinha vulnerável no mundo, meu pai me pegou e me pôs sob os cuidados da mesma mulher a quem pagava para lavar suas roupas. É possível que ele tenha enfatizado a diferença entre os dois fardos: um era sua filha, não sua única filha no mundo, mas a única que teve com a única mulher com quem se casara até então; o outro eram suas roupas sujas. Ele seria mais delicado ao lidar com um do que com o outro, teria dado ordens mais meticulosas quanto ao cuidado com um do que com o outro, teria esperado mais atenção com um do que com o outro, mas com qual eu não sei, pois ele era um homem muito vaidoso, a aparência lhe importava muito. Que eu era um fardo para ele, eu sei; que suas roupas sujas eram um fardo para ele, eu sei; que ele não sabia como cuidar de mim sozinho, ou como lavar as próprias roupas, eu sei.

Ele vivera em uma casa muito pequena com minha mãe. Era pobre, mas não porque fosse bom; apenas não havia feito ainda coisas ruins o suficiente para ficar rico. Essa casa ficava em uma colina, e ele a descera equilibrando em uma das mãos a filha, na outra as roupas, e os entregara, fardo e filha, a uma mulher. Ela não era parente dele ou da minha mãe; seu nome era Eunice Paul e ela já tinha seis filhos, o último ainda bebê. Por isso ainda tinha um pouco de leite no peito para me dar, mas na minha boca seu gosto era azedo e eu me recusava a bebê-lo. Ela morava em uma casa distante das outras, e de lá se tinha uma visão extensa do mar e das montanhas, e quando eu estava irritadiça e não conseguia me consolar, ela me acomodava em pedaços de panos velhos e me colocava à sombra de uma árvore, e diante da vista daquele mar e daquelas montanhas, tão impiedosos, eu me exauria de tanto chorar.

Mãe Eunice não era má: ela me tratava exatamente como tratava os próprios filhos — mas isso não quer dizer que era bondosa com os próprios filhos. Em um lugar desses, a brutalidade é a única herança verdadeira e a crueldade às vezes é a única coisa que sobra. Eu não gostava dela, e sentia falta do rosto que nunca tinha visto; olhava por cima do ombro para ver se alguém estava chegando, como se esperasse que alguém fosse chegar, e Mãe Eunice perguntava o que eu estava procurando, no começo como uma piada, mas, passado um tempo, como eu continuava a fazer aquilo, ela achou que eu via espíritos. Eu não via espírito algum, estava só procurando aquele rosto, o rosto que jamais veria, mesmo se vivesse para sempre.

Nunca passei a amar essa mulher com quem meu pai me deixou, essa mulher que não era má comigo mas não poderia ser bondosa porque não sabia como — e talvez eu não conseguisse amá-la por também não saber como. Ela me alimentava à força com uma peneira, pois eu não bebia seu leite e ainda não tinha dentes; depois que nasceram, a primeira coisa que fiz foi enfiá-los em sua mão enquanto ela me dava comida. Na hora um pequeno som escapou de sua boca, mais de surpresa do que de dor, e ela

entendeu o que aquilo significava — meu primeiro gesto de ingratidão — e ficou na defensiva comigo pelo resto do tempo em que convivemos.

Até os quatro anos, eu não falava. Isso não provocou nem um minuto a menos de felicidade em quem quer que fosse; não havia ninguém para se preocupar com isso, de todo modo. Eu sabia que poderia falar, mas não queria. Via meu pai a cada quinze dias, quando ele ia buscar as roupas limpas. Nunca pensei que ele viesse me visitar; só que vinha buscar as roupas limpas. Quando ele chegava, me levavam para vê-lo e ele me perguntava como eu estava, mas era uma formalidade; ele nunca me tocava ou me olhava nos olhos. O que teria para ver nos meus olhos? Eunice lavava, passava e dobrava suas roupas; elas eram embrulhadas como um presente em duas tiras limpas de nanquim e postas sobre a mesa, a única mesa da casa, à espera de que ele fosse pegá-las. Suas visitas eram bastante regulares, então quando não apareceu eu reparei. E perguntei, “Cadê o meu pai?”.

Eu disse isso em inglês — não no patoá francês ou no patoá inglês, mas em inglês normal —, e essa deveria ter sido a surpresa: não que eu falasse, mas que falasse em inglês, uma língua que nunca ouvira. Mãe Eunice e os filhos falavam a língua de Dominica, o patoá francês, e meu pai, ao falar comigo, também usava essa língua, não por desrespeito, mas porque imaginava que eu não entendesse outra. Mas ninguém percebeu; só se admiraram do fato de que eu finalmente havia falado e questionado a ausência do meu pai. Que as primeiras palavras que falei fossem na língua de um povo de que eu jamais gostaria ou amaria é agora um mistério para mim; tudo na minha vida, bom ou ruim, com que tenho um vínculo indissolúvel é uma fonte de dor.

Eu tinha quatro anos e via o mundo como uma série de linhas suaves que se seguiam, um esboço em carvão; e portanto, quando meu pai ia e buscava as roupas, eu via apenas que ele surgia de repente na trilha que ia da estrada principal à porta da casa em que eu morava e depois, após completar sua missão, desaparecia ao chegar à estrada onde terminava a

trilha. Eu não sabia o que havia além da trilha, não sabia se depois de sumir do meu campo de visão ele continuaria a ser meu pai ou se ele se dissolveria em algo totalmente diferente e eu jamais voltaria a vê-lo sob a forma do meu pai. Eu teria aceitado isso. Poderia acreditar que o mundo era assim. Eu não falava e não falaria.

Um dia, sem querer, quebrei um prato, o único prato daquele tipo que Eunice teve na vida, um prato feito de porcelana de ossos, e as palavras “me desculpe” se recusaram a passar pelos meus lábios. A tristeza que ela exprimiu diante dessa perda me fascinou; era tão carregada de luto, tão esmagadora, tão intensa, como se tivesse acontecido a morte de um ente querido. Ela agarrou a bolsa densa que era sua barriga, puxou os cabelos, socou o peito; lágrimas grossas rolaram de seus olhos e pelas bochechas, e vinham com tamanha abundância que se uma nova fonte de água tivesse surgido deles, como num mito ou num conto de fadas, meu pequeno eu não ficaria surpreso. Ela havia me prevenido repetidas vezes que não encostasse no prato, pois já tinha me visto olhando-o com uma curiosidade obsessiva. Eu olhava para ele e me admirava do retrato pintado na superfície, um retrato de um campo aberto cheio de grama e flores em tons muito suaves de amarelo, rosa, azul e verde; o céu tinha um sol que brilhava mas não ardia; as nuvens eram ralas e esparsas como um adorno, não compactas e amontoadas, não prenúncios de desgraças. Esse retrato nada mais era do que um campo cheio de grama e flores em um dia ensolarado, mas tinha uma atmosfera de abundância secreta, de felicidade e tranquilidade; abaixo dele estava escrita, em letras douradas, a palavra PARAÍSO. Claro que não era um retrato do paraíso, de forma alguma: era um retrato idealizado do interior da Inglaterra, mas eu não sabia, não sabia nem que existia uma coisa como o interior da Inglaterra. Nem Eunice sabia; achava que o retrato era uma imagem do paraíso, oferecendo, como de fato oferecia, a promessa secreta de uma vida sem preocupações ou sofrimento ou escassez.

Quando quebrei o prato de porcelana em que esse retrato estava pintado e fiz Mãe Eunice chorar muito, não me senti mal de imediato, não me senti mal pouco depois, só me senti mal passado bastante tempo, e a essa altura já era tarde demais para lhe dizer, ela havia morrido; talvez tenha ido para o paraíso e ele tenha cumprido a promessa daquele prato. Quando quebrei o prato e me neguei a pedir desculpas, ela amaldiçoou minha finada mãe, amaldiçoou meu pai, me amaldiçoou. As palavras que usou nada significaram: eu as entendi, mas não me magoaram, porque eu não a amava. E ela não me amava. Ela fez com que eu me ajoelhasse num montinho de pedras, em um lugar onde o sol batia o dia inteiro, com as mãos levantadas acima da cabeça e uma pedra grande em cada mão. Ela pretendia me deixar nessa posição até que eu dissesse as palavras “me desculpe”, mas eu não as dizia, não conseguia dizê-las. Estava além da minha própria vontade; aquelas palavras não atravessavam meus lábios. Continuei daquele jeito até ela se exaurir de tanto me amaldiçoar e a tudo que se relacionava a minha origem.

Por que esse castigo me marcou tanto, carregado como era de todos os aspectos da relação entre captor e cativo, senhor e escravo, com sua dimensão do grande e do pequeno, do poderoso e do impotente, do forte e do fraco, e num pano de fundo de terra, mar e céu, e Eunice me olhando de cima, se metamorfoseando em uma sucessão de coisas furiosas e não humanas a cada sílaba que cruzava seus lábios — com seu vestido de algodão fino e mal urdido, o corpete de cor e estampa diferentes da saia, o cabelo despenteado, há muitos meses sem ser lavado, enrolado em um retalho de pano velho que não era lavado fazia mais tempo que o cabelo? O vestido mais uma vez — um dia fora novo e limpo, e a terra o deixara velho, mas a terra o deixara novo outra vez lhe dando tons que não tinha antes, e a terra por fim o faria se desintegrar por completo, embora ela não fosse uma mulher suja, ela lavava os pés todas as noites.

O dia estava claro, não era época de chuva, homens estavam no mar lançando redes para pescar, mas não pegavam muitos peixes porque era um dia claro; e três dos filhos dela estavam comendo pão e enrolaram o miolo como se fossem pedras e o atiraram em mim enquanto estava ajoelhada ali, e riram; e o céu estava sem nenhuma nuvem e não havia uma brisa sequer; uma mosca zanzava perto do meu rosto, às vezes pousando no canto da boca; uma fruta-pão madura demais caiu da árvore, e o som foi como o de um punho encontrando a parte macia, carnuda de um corpo. Tudo isso, de tudo isso consigo me lembrar — por que me marcou de forma tão profunda?

Ajoelhada ali, vi três tartarugas terrestres entrarem e saírem rastejando de um pequeno espaço debaixo da casa, e me apaixonei por elas, queria tê-las perto de mim, queria falar somente com elas por todos os dias do resto da minha vida. Muito depois que meu martírio acabou — resolvido de uma forma que não agradou Mãe Eunice, pois não pedi desculpas —, peguei as três tartarugas e as coloquei numa área cercada de onde não podiam sair e voltar conforme desejassem, e por isso sua existência dependia totalmente de mim. Eu lhes trazia folhas de legumes e água em conchinhas do mar. Eu as achava lindas, os cascos cinza-escuros com bolinhas amarelas esmaecidas, os pescoços compridos, os olhos que não julgavam, a prudência vagarosa do rastejo. Mas elas se recolhiam para dentro dos cascos quando eu não queria, e quando as chamava não saíam. Para lhes ensinar uma lição, peguei um pouco de lama do leito do rio e tapei o buraquinho de onde os pescoços emergiam, e deixei que secasse. Escondi o lugar onde viviam com pedras e por muitos dias me esqueci delas. Quando voltaram à minha lembrança, fui vê-las no lugar onde as deixara. A essa altura, estavam todas mortas.

Meu pai queria que eu frequentasse a escola. Foi um pedido incomum: meninas não iam à escola, nenhuma das filhas de Mãe Eunice ia à escola. Nunca saberei o que o levou a agir assim. Só me resta

imaginar que ele desejava uma coisa dessas para mim sem pensar muito, porque no fundo o que a educação poderia fazer por alguém como eu? Só posso dizer o que eu não tive; só posso mensurar isso em comparação com o que tive de fato e sofrer com a diferença. E no entanto, no entanto... foi por essa razão que vi pela primeira vez o que havia além da trilha que saía da minha casa. E me lembro tão bem da sensação do tecido da saia e da blusa — ásperas porque eram novas —, uma saia verde e uma blusa bege, um uniforme, as cores e o estilo imitando as cores e o estilo da escola de outro lugar, outro lugar bem longe; e eu tinha um par de sapatos marrons de tecido grosso e meias de algodão marrons que meu pai comprou para mim, eu não sabia onde. E mencionar que eu não sabia de onde vinham essas coisas, dizer que me perguntava sobre elas, é na verdade dizer que essa era a primeira vez que eu usava coisas como sapatos e meias, e que eles faziam meus pés doerem e incharem e a pele formar bolhas e rachar, mas era obrigada a usá-los até meus pés se acostumarem, e meus pés — meu corpo inteiro — se acostumaram. Aquela manhã era uma manhã como outra qualquer, tão comum que foi profunda: estava ensolarado em alguns lugares e não em outros, e os dois (ensolarado, nublado) ocupavam diferentes partes do céu com placidez; havia o verde das folhas, a explosão vermelha das flores dos flamboyants, o fruto amarelo intenso do cajueiro, o aroma de limão-galego, o aroma de amêndoas, o café no meu hálito, a saia de Eunice esvoaçando no meu rosto e a confusão de cheiros que vinha do meio de suas pernas, de que jamais me esquecerei, e sempre que sinto meu próprio cheiro me lembro dela. O rio estava baixo, então eu não ouvia o som da água correndo nas pedras; a brisa estava suave, então as folhas não farfalhavam nas árvores.

Tive essas sensações de ver, cheirar e escutar ao descer a trilha a caminho da escola. Quando cheguei à estrada e pus meus pés recém-calçados nela, foi a primeira vez que o fiz. Eu tinha consciência disso. Era uma estrada de pedras e terra batida, e todos os passos que eu dava eram

desajeitados; o chão deslizava, meus pés escorregavam para trás. A estrada se estendia à minha frente e sumia em uma curva; continuávamos a andar em direção a essa curva e quando chegávamos a curva dava lugar a mais um trecho da mesma estrada e depois a outra curva. Chegamos à escola antes do fim da última curva. Era um prédio pequeno com uma porta e quatro janelas; o chão era de tábuas; havia um pequeno réptil rastejando por uma viga do teto; havia três mesas compridas enfileiradas, uma atrás da outra; havia uma mesa de madeira grande e uma cadeira de frente para as três mesas compridas; na parede atrás da mesa e da cadeira havia um mapa; no alto do mapa estavam as palavras “O IMPÉRIO BRITÂNICO”. Foram as primeiras palavras que aprendi a ler.

Naquela sala sempre havia apenas garotos; só me sentei numa sala de aula com outras meninas quando já estava mais velha. Não tive medo da nova situação: eu não sabia como ser assim na época e não sei como ser assim agora. Não tinha medo, pois minha mãe já havia morrido e essa é a única coisa de que uma criança tem medo de verdade; quando nasci minha mãe morreu, e eu já tinha vivido todos aqueles anos com Eunice, uma mulher que não era a minha mãe e que era incapaz de me amar, e sem meu pai, sem nunca saber se voltaria a vê-lo, portanto não temia por mim naquela situação. (E se não for mesmo verdade que eu não senti medo, essa não foi a única vez que não admiti minha vulnerabilidade para mim mesma.)

Se falo agora desses primeiros dias com clareza e discernimento, não é invenção, não deveria surpreender; na época, cada coisa que aconteceu se destacou na minha mente com uma intensidade que agora acho natural; naquela época não tinha sentido, não tinha contexto, eu ainda não sabia da história dos acontecimentos, não sabia de seus antecedentes. Minha professora era uma mulher que fora formada por missionários metodistas; era do povo africano, isso eu percebia, e ela via nisso uma fonte de humilhação e autodesprezo, e usava o desespero como uma peça de roupa, como um manto, ou um cajado no qual sempre se apoiava,

uma herança que repassaria a nós. Ela não nos amava; nós não a amávamos; não amávamos uns aos outros, nem naquela época nem nunca. Havia sete garotos e eu. Os garotos também eram todos do povo africano. Minha professora e aqueles meninos me olhavam sem parar: eu tinha sobrancelhas espessas; meu cabelo era grosso, volumoso e ondulado; meus olhos eram muito separados e amendoados; meus lábios eram largos e estreitos de uma forma inesperada. Eu era do povo africano, mas não exclusivamente. Minha mãe era uma mulher caraíba, e quando me olhavam era o que viam: o povo caraíba tinha sido derrotado e depois exterminado, jogado fora como as ervas daninhas de um jardim; o povo africano tinha sido derrotado, mas havia sobrevivido. Quando me olhavam, só viam o povo caraíba. Estavam enganados, mas não disse isso a eles.

Comecei a falar bastante na época — comigo mesma frequentemente, com os outros quando absolutamente necessário. Falávamos em inglês na escola — inglês correto, não patoá — e entre nós o patoá francês, uma língua que não era considerada nada correta, uma língua que uma pessoa da França não sabia falar e teria dificuldade de entender. Eu falava comigo mesma porque comecei a gostar do som da minha voz. Para mim, tinha uma doçura, diminuía minha solidão, pois eu me sentia só e queria ver pessoas em cujos rostos reconhecesse algo de mim. Pois quem eu era? Minha mãe estava morta; fazia muito tempo que não via meu pai.

Aprendi a ler e escrever muito rápido. Minha memória, minha capacidade de reter informação, de lembrar dos mínimos detalhes, de recordar quem disse o que e quando, era considerada incomum, tão incomum que minha professora, ensinada a pensar somente no bem e no mal e cujo juízo de tais coisas era sempre equivocado, disse que eu era má, que estava possuída — e, para comprovar que não poderia existir dúvida quanto a isso, ressaltou outra vez o fato de que minha mãe era do povo caraíba.

Meu mundo então — silencioso, suave e semelhante a uma verdura na sua vulnerabilidade, sujeito aos poderosos caprichos dos outros, diurno, iniciado com a abertura pálida da luz no horizonte a cada manhã e encerrado com a súbita chegada da escuridão no começo de cada noite — era tanto um mistério para mim como uma fonte de enorme prazer: eu adorava a face do céu cinza, granulado, úmido, me seguindo até a escola por manhãs a fio, atirando-me flechas suaves de água; a face desse mesmo céu quando estava de um azul duro, impiedoso, o pano de fundo para um sol cruel; o calor implacável que acabou se tornando parte de mim, como o meu sangue; as árvores opressoras (o tronco de algumas era do tamanho de baús pequenos) que cresciam sem controle, como se beleza fosse apenas tamanho, e eu conseguia diferenciá-las todas fechando os olhos e prestando atenção ao som que as folhas faziam quando raspavam umas nas outras; e eu adorava o momento em que as flores brancas do cedro começavam a cair no chão com um silêncio que eu escutava, suas pétalas a princípio ainda frescas, um beijo suave de rosa e branco, e um dia depois, pisoteadas, murchas e marrons, um incômodo para os olhos; e o rio que havia se tornado uma pequena lagoa quando um dia, por conta própria, mudou de curso, em cuja margem eu me sentava e observava famílias de passarinhos, e rãs botando ovos, e o céu indo do preto ao azul e do azul ao preto, e a chuva caindo no mar depois da lagoa mas não na montanha que ficava depois do mar. Foi nesse lugar que comecei a sonhar com a minha mãe; eu havia adormecido nas pedras que cobriam o chão ao meu redor, meu pequeno corpo afundando na superfície como se fossem plumas. Vi a minha mãe descer uma escada. Usava um longo vestido branco, a bainha pouco acima dos calcanhares, e essa era sua única parte exposta, só os calcanhares; ela descia e descia, mas nenhum outro pedaço dela se revelava. Somente os calcanhares e a bainha do vestido. No começo eu ansiei por ver mais, e depois fiquei satisfeita só de ver seus calcanhares descendo na minha direção. Quando

acordei, não era a mesma criança de antes de adormecer. Desejava ver o meu pai e estar perto dele constantemente.

Em um dia que não começou de nenhum jeito especial de que possa me lembrar, me ensinaram os princípios envolvidos na escrita de uma carta comum. Cartas têm seis partes: o endereço do remetente, a data, o endereço do destinatário, a saudação ou cumprimento, o corpo da carta, o encerramento. Era de conhecimento geral que uma pessoa na posição que esperavam que eu ocupasse — a posição de uma mulher, e das pobres — não teria nenhuma necessidade de escrever uma carta, mas a satisfação de todos os envolvidos em me ensinar isso, escrever uma carta, deve ter sido imensa. Me batiam e me diziam palavras duras quando eu cometia um erro. O exercício de copiar as cartas de alguém cujas reclamações ou percepções ou alegrias não tinham qualquer interesse para mim não me deixou zangada na época — eu era nova demais para entender que a vaidade poderia ser uma arma tão perigosa quanto uma faca; isso só me fez querer escrever minhas próprias cartas, cartas em que expressaria meus sentimentos sobre minha própria vida como eu a via aos sete anos de idade. Comecei a escrever para o meu pai. Escrevia, “Meu querido Papai”, em uma caligrafia adorável, floreada, uma caligrafia nascida de castigos e palavras duras. Eu lhe dizia que era maltratada por Eunice com palavras e ações e que tinha saudade dele e o amava muito. Escrevia a mesma coisa várias vezes. Sem detalhes. Não era nada mais que o grito melancólico de um animalzinho ferido: “Meu querido Papai, você é a única pessoa que me resta no mundo, ninguém me ama, só você consegue, sou açoitada com palavras, sou açoitada com varas, sou açoitada com pedras, eu amo você mais que tudo, só você pode me salvar”. Essas palavras não eram para o meu pai, mas para a pessoa da qual eu só via os calcanhares. Noite após noite eu via seus calcanhares, só seus calcanhares descendo ao meu encontro, descendo ao meu encontro para sempre.

Escrevi essas cartas sem nenhuma intenção de enviá-las ao meu pai; não sabia como fazer isso, como enviá-las. Eu as dobrava de um jeito que, se fossem rasgadas, formariam oito quadradinhos. Não havia nisso nenhum sentido misterioso; só fazia assim para que ficassem mais discretas debaixo de uma pedra grande junto ao portão da minha escola. Todo dia, ao ir embora, eu colocava uma carta que havia escrito ao meu pai debaixo dela. Eu escrevia essas cartas em segredo, no breve período que nos era concedido para o recreio, ou depois que eu já havia terminado a tarefa e ninguém percebia. Fingindo estar muitíssimo compenetrada no que deveria estar fazendo, escrevia a carta para o meu pai.

Esse pequeno pedido de socorro não me trazia alívio instantâneo. Eu reconhecia meu sofrimento, mas a ideia de que ele poderia ser amenizado — de que minha vida pudesse mudar, de que minha situação pudesse mudar — não me passava pela cabeça.

Minhas cartas não permaneceram em segredo. Um garoto chamado Roman me viu guardando-as no esconderijo, e, pelas minhas costas, as tirou de lá. Não teve empatia, não teve compaixão; o instinto de proteger os fracos fora destruído dentro dele. Ele levou as cartas para nossa professora. Nas minhas cartas ao meu pai eu dissera, “Todo mundo me odeia, só você me ama”, mas não queria de verdade que as cartas fossem enviadas ao meu pai; se tivessem me perguntado na época se eu achava mesmo que todo mundo me odiava, que só meu pai me amava, eu não saberia o que responder. Mas a reação da minha professora às cartas, àqueles rabiscos, foi um tônico para mim. Ela acreditava que o “todo mundo” a que eu me referia era ela, e só ela. Ela disse que minhas palavras eram mentira, eram caluniosas, que sentia vergonha de mim, que não tinha medo de mim. A professora me disse tudo isso na frente dos outros alunos da escola. Eles acharam que fui humilhada e ficaram contentes ao me ver tão diminuída. Não me senti humilhada, de forma alguma. Senti uma coisa. Percebi que seus dentes eram tortos e amarelos,

e me perguntei como teriam ficado assim. Enormes meias-luas de transpiração manchavam as axilas do vestido, e me perguntei se, quando virasse mulher, eu também transpiraria tanto e como seria meu cheiro. Atrás de seu ombro, na parede, havia uma aranha grande carregando seu saco de ovos, e quis esticar o braço e esmagá-la com a palma da mão, pois fiquei imaginando se era o mesmo tipo de aranha ou parente da aranha que tinha sugado a saliva do canto da minha boca na noite anterior enquanto eu dormia, deixando três picadas pequenas, doloridas. Garoava lá fora, eu ouvia o barulho da chuva no telhado galvanizado.

Ela mandou as cartas para o meu pai, para me mostrar que tinha a consciência tranquila. Disse que eu havia confundido suas reprimendas, dadas por amor a mim, com uma manifestação de ódio, e que isso demonstrava que eu era culpada do pecado do orgulho. E disse que esperava que eu aprendesse a distinguir os dois: amor e ódio. Até hoje tento distinguir os dois e não consigo, pois muitas vezes eles têm o mesmo rosto. Quando ela disse isso, olhei no rosto dela para ver se eu conseguia saber se era verdade que ela me amava e para ver se as palavras dela, que tantas vezes pareciam uma série de golpes duros, eram na verdade uma demonstração de amor. O rosto dela não parecia amoroso, mas talvez eu estivesse enganada — talvez eu fosse nova demais para julgar, nova demais para saber.

Não reconheci de imediato o que havia acontecido, o que eu tinha feito: embora inconscientemente, embora sem intenção, eu tinha, por meio do uso de algumas palavras, mudado minha situação; talvez tivesse até mesmo salvado a minha vida. Falar da minha própria situação, para mim mesma e para os outros, é algo que eu sempre fazia dali em diante. Foi assim que me tornei tão extremamente consciente de mim, tão interessada nas minhas necessidades, tão interessada em saciá-las, atenta às minhas mágoas, atenta aos meus prazeres. A partir dessa expressão de dor desfocada, infantil, minha vida mudou e eu percebi.

Meu pai veio me buscar usando o uniforme de carcereiro. Para ele isso não tinha significado, era desimportante. Ele estava voltando para Roseau do vilarejo de St. Joseph, onde estivera realizando seus deveres como policial. Eu não havia sido avisada de que ele chegaria naquele dia; não o esperava. Voltei da escola e o vi parado na última curva da estrada que levava à casa onde eu morava. Fiquei surpresa ao vê-lo, mas só admitiria isso para mim mesma: não deixei ninguém saber. A razão pela qual eu sentira tanta saudade do meu pai — a razão pela qual ele não ia mais à casa em que eu morava, trazendo as roupas sujas e levando as limpas — era que ele havia se casado de novo. Haviam me falado, mas para mim era um mistério o que aquilo poderia significar; não foi diferente da primeira vez que me disseram que o mundo era redondo; pensei, O que isso quer dizer, por que é assim? Meu pai havia se casado de novo. Ele pegou minha mão, disse alguma coisa, ele falava em inglês, a boca começou a se curvar em torno das palavras que dizia, e isso fazia com que parecesse afável, simpático, até mesmo bondoso. Eu entendia o que ele dizia: agora ele tinha uma casa para mim, uma casa boa; eu adoraria sua esposa, minha nova mãe; ele me amava tanto quanto amava a si mesmo, talvez até mais, porque eu o lembrava de alguém que ele conheceria que sem dúvida amava ainda mais do que amava a si próprio. Eu adoraria minha casa nova; adoraria o céu lá em cima e a terra abaixo.

A palavra “amor” foi dita com tanta frequência que se tornou uma pista para o meu coração de sete anos e minha cabeça de sete anos que essa coisa não existia. Os olhos do meu pai se apertavam e depois se arregalavam: ele acreditava no que dizia, e isso era bom, porque eu não acreditava. Mas eu não iria interromper esse avanço, essa novidade, esse ir embora daqui; e eu não acreditava nele, mas não tinha motivo para isso, nenhum motivo real. Eu ainda não era cética e achava que por trás de tudo que escutava havia outra história bem diferente, a história verdadeira.

*image
not
available*

mim o mesmo poder de antes — o poder de fazer com que me sentisse impotente e envergonhada da minha própria impotência.

Não via a expressão no rosto do meu pai ao cavalgar, não sabia o que ele estava pensando, não o conhecia bem o suficiente para tentar adivinhar. Ele partiu pela estrada na direção oposta à da escola. O trecho da estrada era novo para mim, e no entanto era de uma familiaridade que me entristecia. Em torno de cada curva havia o conhecido verde-escuro das árvores que cresciam com uma ferocidade que nenhuma mão jamais tentara reprimir, um verde tão implacável que alcançara enorme beleza e enorme feiura e enorme modéstia ao mesmo tempo; era ele mesmo: nada poderia lhe ser acrescentado; nada poderia lhe ser tomado. Todos os precipícios da estrada eram íngremes e perigosos, e a queda de um deles teria resultado em morte ou lesões permanentes. E cada subida era seguida por uma descida, ao pé da qual havia o mesmo amontoado de plantas florescendo, cada uma com um propósito que eu ainda desconhecia. E toda curva que virava à esquerda logo dava lugar a uma curva que virava à direita.

O dia então começou a ter as cores de um fim, as cores de um funeral, cinza, malva, preto; minha tristeza interior se manifestou para mim. Eu era parte de uma procissão de tristeza, que se distanciava da minha vida antiga, uma vida que eu tinha vivido por apenas sete anos. Não me abalei, porém. A escuridão da noite chegou com a brusquidão habitual, sem aviso. Mais uma vez não me abalei. Meu pai passou o braço em volta de mim, como que para repelir alguma coisa — um perigo que eu não via no ar frio, um espírito do mal, uma queda. O abraço foi delicado no começo; depois cresceu até ter a força de uma faixa de ferro, mas ainda assim não me abalei.

Entramos no vilarejo no escuro. Não havia luz em lugar algum, nenhum cão latiu, não passamos por ninguém. Entramos na casa em que meu pai morava, havia uma luz vinda de uma bela lamparina de vidro, algo que eu nunca tinha visto; a luz era alimentada por um líquido

*image
not
available*

ninar, não era sentimental, não era feita para me acalmar quando minha alma se agitava com a dureza da vida; era apenas uma canção, mas o som de sua voz era como um pequeno tesouro encontrado em um baú abandonado, um tesouro que inspira não espanto, mas contentamento e prazer eterno.

A noite inteira eu dormi, e durante o sono vi seus pés descendo a escada, degrau a degrau, nunca vendo seu rosto, ouvindo sua voz entoar aquela canção, às vezes murmurando, às vezes a plena voz. Até hoje ela aparece nos meus sonhos de vez em quando, mas nunca mais para cantar ou emitir qualquer tipo de som — só como antes, descendo a escada, os calcanhares visíveis e a bainha branca da roupa sobre eles.

Cheguei à casa do meu pai sob o cobertor da voluptuosa escuridão que era a noite; a manhã naturalmente a seguiu. Acordei no falso paraíso no qual eu havia nascido, o falso paraíso em que morrerei, a mesma paisagem que sempre conheci, cada aspecto dela perfeito, ao mesmo tempo bela, feia, modesta e altiva; cheia de vida, cheia de morte, capaz de sustentar uma, inevitavelmente reivindicar a outra.

A esposa do meu pai me ensinou como me lavar. Não fez isso com gentileza. Minha forma e odor humanos foram uma oportunidade para ela amontoar desprezo sobre mim. Reagi ao estilo que agora já me era característico: o que me diziam para odiar eu amava, e amava muito. Amava o cheiro da sujeira fina atrás das minhas orelhas, o cheiro da minha boca não lavada, o cheiro que vinha do meio das minhas pernas, o cheiro no meu axila, o cheiro dos meus pés não lavados. O que quer que houvesse em mim que fosse ofensivo, o que era da minha natureza, o que eu não conseguia evitar e não era uma falha moral — essas coisas a meu respeito eu amava com o fervor dos devotos. Ao me tocarem, as mãos dela estavam frias e causaram dor. Jamais nos amáramos. Nela havia o desespero arraigado em um desejo há muito frustrado: ela ainda não tinha conseguido dar um filho ao meu pai. Ela tinha medo de mim;

*image
not
available*

falando; já não acreditam no que viram com os próprios olhos, ou na própria realidade. Isso já não é inexplicável para mim. Tudo que nos diz respeito é visto com dúvida, e nós, os vencidos, definimos tudo o que é irreal, tudo o que não é humano, tudo o que é sem amor, tudo o que é sem misericórdia. Nossa experiência não pode ser interpretada por nós: não sabemos a verdade dela. Nosso Deus não era o correto, nossa compreensão do paraíso e do inferno não era respeitável. A crença naquela aparição de uma mulher nua de braços estendidos chamando um garotinho para a morte era a crença dos ilegítimos, dos pobres, dos inferiores. Eu acreditava na aparição na época e acredito nela agora.

Quem era o meu pai? Não só quem era para mim, a filha dele — mas quem era ele? Era um policial, mas não um policial qualquer: inspirava mais medo que o esperado de alguém em sua posição. Marcava horários para ver as pessoas, homens, na casa dele, o lugar onde vivia com a família — essa entidade da qual eu então meio que era um membro — e fazia essas pessoas ficarem esperando por horas a fio; às vezes nem sequer aparecia. Elas o esperavam, às vezes sentadas em uma pedra que ficava junto ao portão dos fundos, às vezes andando de um lado para o outro, de dentro do quintal para fora do quintal, fazendo o portão ranger, o que sempre irritava a esposa dele, e ela reclamava com essas pessoas, falava com elas num tom grosseiro, a grosseria desproporcional ao incômodo do rangido do portão. Elas o esperavam sem reclamar, dormiam em pé, dormiam sentadas no chão, os mosquitos bebendo a saliva que vazava do canto de suas bocas abertas. Elas esperavam, e como ele não aparecia iam embora e voltavam no dia seguinte, na esperança de vê-lo; às vezes o viam, às vezes não. Ele não sofria nenhuma consequência por aquele comportamento; só tratava as pessoas daquela forma. Não se importava, ou foi o que imaginei no começo — mas é claro que ele se importava; era bem pensada, essa sua forma de gerar sofrimento; ela fazia parte de todo um estilo de vida na ilha que perpetuava a dor.

*image
not
available*

após noite, inúmeras vezes. E acabava só depois que minhas mãos subiam e desciam pelo meu corpo inteiro em uma carícia amorosa, chegando por fim ao ponto macio, úmido, entre minhas pernas, e um suspiro de prazer escapava dos meus lábios e eu não deixava ninguém ouvir.

*image
not
available*

pela primeira vez andei direto de um tipo de clima a outro: de uma chuva forte, gelada, ao calor radiante, límpido, do meio-dia. E foi nessa estrada que minha irmã, a filha do meu pai com a esposa, estava andando de bicicleta, depois de se encontrar com o homem que meu pai a proibira de ver e com quem ela se casaria, quando sofreu um acidente, caindo do precipício, o que a deixou aleijada e estéril, os olhos incapazes de focalizar direito. Não é uma lembrança feliz: seu sofrimento, mesmo agora, é muito vivo para mim.

Não muito depois que fui morar com eles, a esposa do meu pai começou a ter os próprios filhos. Primeiro um menino, depois uma menina. Foram duas as consequências previsíveis: ela me deixou em paz e deu mais valor ao filho do que à filha. Que não tivesse em alta conta a pessoa mais parecida com ela, a filha, uma menina, era tão normal que só seria notado se fosse o contrário: para gente como nós, desprezar o que houvesse de mais parecido conosco era quase uma lei da natureza. Esse fato da vida da minha irmã me levou a sentir uma compaixão esmagadora por ela. Ela não gostava de mim — a mãe lhe dizia que eu era inimiga dela, que não era digna de confiança, que era como uma ladra dentro de casa, à espera do momento certo para lhes roubar a herança. Isso convenceu minha irmã, e ela desconfiava e não gostava de mim; as primeiras palavras ofensivas que falou foram dirigidas a mim. A esposa do meu pai sempre havia me dito, em particular, quando meu pai não estava em casa, que eu não podia ser filha dele porque não era parecida com ele, e era verdade que eu não tinha nenhuma de suas características físicas. Minha irmã, entretanto, se parecia com ele: o cabelo e os olhos eram das mesmas cores que os dele, ruivo e cinza; a pele também era do mesmo tom que a dele, fina e vermelha, não vermelha como o cabelo, outro vermelho, como a cor da terra em alguns lugares. Porém, não tinha a calma e a paciência dele: andava feito um soldado e não conseguia conter a fúria que havia dentro dela. Tampouco tinha sua qualidade de guardar as opiniões para si: todos os pensamentos que

*image
not
available*

assumido para a minha consciência, nunca tivesse entendido como exprimir em palavras. Veio daquela primeira vez tão denso e vermelho e abundante que foi impossível pensar nele como mero prenúncio, um aviso qualquer, um símbolo; era a coisa em si, meu fluxo menstrual, e soube na mesma hora que se deixasse de aparecer regularmente depois de algum tempo só poderia significar um enorme problema para mim. Talvez eu soubesse na época que a criança em mim nunca se aquietaria o bastante para que eu pudesse ter um filho meu. De um padeiro, comprei quatro sacos, do tipo em que se embalava farinha, e depois de tirar a marca tingida por meio de um longo processo de lavagem e branqueamento sob o sol quente, fiz quatro quadrados com cada um e os usei como panos para segurar meu sangue quando ele descia por entre minhas pernas. Depois que a esposa do meu pai me viu iniciar e completar esse ato, me disse que, quando eu virasse uma mulher de verdade, ela teria que se proteger de mim. Na época achei aquela declaração injustificada, pois, afinal, eu ainda me protegia dela. Foi mais ou menos nessa época, também, que a textura do meu corpo e o cheiro do meu corpo começaram a mudar; pelos grossos apareceram nas minhas axilas e no espaço entre minhas pernas, onde antes não havia nada, meu quadril se alargou, meu peito se adensou e inchou levemente no começo, e um espaço profundo se formou entre meus dois seios; o cabelo na minha cabeça se tornou comprido e macio e suas ondas se intensificaram, meus lábios se espalharam pelo rosto e engrossaram, adquirindo o formato de um coração que tivesse sido pisado. Eu me olhava num pedaço velho de um espelho quebrado que tinha achado no entulho debaixo da casa do meu pai. A visão do meu corpo em mutação não me assustava, eu só me perguntava como minha aparência ficaria; eu nunca duvidei de que fosse gostar completamente do que quer que me encarasse do espelho. E assim o cheiro das minhas axilas e entre minhas pernas também mudou, e essa mudança me agradava. Nesses lugares o odor se tornou pungente, forte, como se algo estivesse em processo de

*image
not
available*

opunha, não poderia me opor, não queria me opor, não sabia na época como me opor abertamente.

Conheci Monsieur e Madame à tarde, uma tarde quente. Eram isso para mim naquela época — Monsieur e Madame. Primeiro a conheci a sós; ele estava sozinho em um quarto, em outra parte da casa, um quarto onde guardava o dinheiro que gostava de contar inúmeras vezes; aquele não era todo o dinheiro que tinha no mundo. Da primeira vez que vi Madame LaBatte, ela estava na porta de sua bela casa, a porta da frente, com seu agradável e limpo pátio repleto de flores e pilhas de pedras bem arrumadas; à sua esquerda e à direita havia dois grandes arbustos de dentelárias com flores azuis inertes no ar quente. Ela usava um vestido branco feito de um tecido áspero decorado com um bordado de flores e folhas; reparei porque era um vestido que as pessoas de Mahaut só usariam para ir à igreja no domingo. O vestido não estava gasto e estava limpo; não tinha um corte elegante, era largo, lhe caía mal, como se ela já não se interessasse pelo próprio corpo. Meu pai falou com ela, ela falou com o meu pai, ela falou comigo; ela olhou para mim, eu olhei para ela. Não para nos medirmos; eu não sabia o que ela pensava ver nos meus olhos, mas agora posso dizer que tive um sentimento instintivo de empatia por ela. Não sei por que empatia, por que não o contrário, mas empatia foi o que eu senti. Talvez porque ela parecesse muito ser alguém que havia conseguido o que tanto queria.

Ela queria muito se casar com Monsieur LaBatte. Soube disso pela mulher que vinha todos os dias lavar as roupas deles. Querer desesperadamente se casar com homens, por fim entendi, não é um erro que as mulheres cometem, é apenas, bem, o que mais lhes resta fazer? Nunca me disseram por que ela queria se casar com ele. Eu imaginei: ele tinha um corpo forte, ela se sentia atraída por seu corpo forte, suas mãos fortes, sua boca forte; era uma boca grande e larga e devia cobrir a dela sempre que a beijava. Engolia a minha sempre que ele me beijava. Ela não era uma mulher frágil quando se conheceram, só se tornou frágil

*image
not
available*

pulmões, era algo que eu não vivenciaria com mais ninguém na vida. Peguei o vestido dela. Não o vesti, nunca o vestiria; só o peguei e fiquei com ele por um tempo.

O inevitável não causa menos choque só por ser inevitável. Eu estava sentada, num fim de tarde, em uma área com sombra atrás da casa, onde havia algumas flores plantadas, embora o espaço não pudesse ser chamado de jardim, já que não era muito cuidado. O sol ainda não havia se posto por completo; era justamente aquele momento em que as criaturas diurnas estão sossegadas mas as criaturas noturnas ainda não encontraram suas vozes. Era aquela hora do dia em que tudo o que você perdeu fica mais pesado na sua cabeça: sua mãe, se você a perdeu; sua casa, se você a perdeu; as vozes das pessoas que poderiam tê-la amado ou que você gostaria que a tivessem amado; os lugares em que algo bom, algo de que você não se esquece, lhe aconteceu. Essas sensações de anseio e perda são mais pesadas exatamente sob essa luz. O dia está quase acabando, a noite está quase começando. Eu já não usava mais roupas de baixo, eu as achava desconfortáveis, e sentada ali eu tocava em várias partes do meu corpo, às vezes sem pensar, às vezes com um objetivo em mente. Estava passando os dedos da mão esquerda pelo pequeno tufo de pelos entre minhas pernas e pensando na vida que eu tinha vivido até ali, quinze anos naquele instante, e vi que Monsieur LaBatte estava parado não muito longe de mim, me olhando. Ele não se afastou por constrangimento e eu tampouco fugi de constrangimento. Nós nos encaramos. Tirei os dedos da região entre minhas pernas e os levei ao rosto, queria sentir meu cheiro. Era o fim do dia, meu odor estava bastante forte. Essa cena, eu colocando a mão entre as pernas e depois apreciando meu cheiro e Monsieur LaBatte me observando, durou até a queda súbita da escuridão, e então, quando ele se aproximou de mim e pediu que eu tirasse a roupa, declarei, muito segura de mim, ciente do que eu queria, que estava escuro demais, eu não conseguia enxergar. Ele me conduziu ao cômodo onde contava dinheiro, o dinheiro que era

*image
not
available*

Nos sentamos em duas cadeiras, não frente a frente, falando sem palavras, trocando pensamentos. Ela me contou de sua vida, de quando foi nadar; era domingo, ela havia ido à igreja e depois fora nadar e quase se afogara, e nunca mais tinha feito isso até então, muitos anos depois. Aquilo acontecera quando era menina; agora ela nunca entra na água do mar, só olha; e à minha pergunta silenciosa, se ao olhar para o mar ela se arrependia de agora não ser parte de sua eternidade, ela não respondeu, não poderia responder, tanta tristeza havia esmagado sua vida. No momento em que conheceu Monsieur LaBatte — ela o chamava assim naquela época, depois o chamou de Jack, agora o chama de Ele —, quis que ele a possuísse. Ela não consegue se lembrar da cor do dia. Ele não reparou nela, não quis possuí-la; os braços dele eram fortes, os lábios eram fortes, ele caminhava com passos firmes, mesmo quando não ia a lugar algum; ela o amarrou, um feitiço, queria se enxertar nele, como fazem com as árvores. Começou no mundo do que não era natural; esperava acabar no mundo do natural. Queria apenas possuí-lo; ele se negava a ser possuído, se negava a ser contido. Querer o que você jamais terá e saber tarde demais que você nunca terá é uma vida assolada pela tristeza. Ela queria um filho, mas seu útero era como uma peneira: não conteria um bebê, agora não conteria nada. Jazia seco dentro dela; talvez seu rosto o espelhasse: seco, murcho, como uma fruta que perdeu todo o sumo. Eu dava valor à minha juventude, apreciava a novidade que eu era, sentada ali ao lado dela? Não: como poderia? Na minha coluna de perdas, a juventude não fora inserida; na minha coluna de perdas havia minha mãe; o amor ainda não estava na minha coluna de perdas. Eu ainda não tinha sido amada, não saberia dizer se o jeito como ela penteava meu cabelo era uma expressão de amor. Não saberia dizer se seu jeito delicado de me dar banho, esfregando o pedaço de tecido nos meus seios, na parte da frente e de trás das minhas pernas, nas minhas coxas, nas minhas panturrilhas — se isso era amor. Não saberia dizer se querer que eu ficasse seca quando estava molhada, se querer que eu fosse

*image
not
available*

disse isso em inglês. Sua voz tinha ternura e empatia, e repetiu várias vezes que eu teria um filho, e então souou um tanto feliz, alisando o cabelo na minha cabeça, acarinhando minha bochecha com as costas da mão, como se eu também fosse um bebê, num estado de irritação com o qual eu não saberia lidar, e seu toque fosse me acalmar. Suas palavras, no entanto, me causaram horror. A princípio não acreditei, e depois acreditei completamente e logo senti que se havia uma criança dentro de mim eu poderia expulsá-la pela simples força da minha vontade. Quis que saísse de mim. Dia após dia eu fiz isso, mas ela não saía. Do fundo do sovaco de Lise eu sentia o aroma de um perfume. Era feito do suco de uma flor, esse cheiro dominava o ambiente, enchia minhas narinas, descia até o meu estômago e saía pela minha boca em ondas de vômito; seu gosto aos poucos me estrangulando. Eu achava que ia morrer, e talvez porque já não tivesse mais futuro passei a querer muito ter um. Mas o que ele seria para mim eu não sabia, pois eu estava em um buraco negro. A alternativa era outro buraco negro, esse outro buraco negro eu ainda não conhecia; escolhi o que não conhecia.

Um dia estava sozinha, ainda deitada na cama de Lise; ela havia me deixado só. Me levantei e entrei no quarto do dinheiro de Monsieur LaBatte, e indo até um pequeno saco que só tinha xelins peguei um punhado dessas moedas. Andei até a casa de uma mulher que hoje está morta, e quando ela abriu a porta botei o punhado de xelins em suas mãos e olhei para o seu rosto. Não falei nada. Eu não sabia seu nome verdadeiro, era chamada de “Sange-Sange”, mas esse não era o seu nome. Ela me deu um copo cheio de um xarope preto e grosso para beber e depois me levou até um pequeno buraco num chão de terra para que eu me deitasse. Passei quatro dias ali, meu corpo um vulcão de dor; nada aconteceu, e por quatro dias depois daquilo o sangue escorreu por entre minhas pernas lenta e continuamente como uma fonte infinita. E então cessou. A dor não se parecia com nada que eu já tivesse imaginado, era como se fosse a própria definição de dor; todas as outras dores eram

*image
not
available*

disso. No rosto dele, entretanto, havia aquela máscara; era a mesma máscara que usava para roubar tudo o que havia restado a um desventurado que já tinha perdido tanto. Era a mesma máscara que usava quando levava um acontecimento, independente da verdade, a um fim que o beneficiasse. E mesmo agora, de pé à minha frente, ele não usava roupas de pai: usava o uniforme de carcereiro, estava com roupa de policial. E essa roupa, essa roupa de policial, passou a defini-lo: era como se, com o tempo, tivesse brotado de seu corpo, uma outra pele, pois muito depois de parar de usá-la, quando já não era necessário que a usasse, ele ainda parecia estar com roupa de policial. Suas outras roupas eram roupas de verdade; as roupas de policial tinham virado sua pele.

Eu estava deitada numa cama feita de trapos em uma casa que tinha só a terra como chão. Não havia nenhum indício genuíno do meu suplício. Não cheirava a morte, pois para que algo morra, a vida teria que vir antes. Eu tinha feito a vida que estava apenas começando em mim não morrer, apenas não existir. Havia dor entre minhas pernas; começava no baixo ventre e na lombar e saía pelas minhas pernas, essa dor. Estava molhada entre as pernas; eu podia sentir o cheiro de molhado: era sangue, novo e velho. O sangue novo cheirava como um mineral recém-desenterrado que ainda não tivesse sido refinado e transformado em algo mundano, algo a que se pudesse atribuir algum valor. O sangue velho emanava um cheiro podre adocicado, e esse eu adorava e inspirava com força quando predominava sobre os outros odores do quarto; talvez só o adorasse por ser meu. Meu pai não sentia aversão a mim, mas eu não conseguia ver mais nada que estivesse escrito em seu rosto. Ele estava de pé à minha frente, me olhando de cima. Seu rosto ficou redondo e grande, enchendo o cômodo inteiro, de uma ponta a outra: seu rosto era como um mapa do mundo, como se tivessem tirado um globo do canto escuro de uma sala de estar (ele tinha essas coisas: um globo, uma sala de estar) e sua costura principal tivesse sido rasgada e o globo tivesse sido exposto aberto, plano. As bochechas eram dois continentes separados por